

## DISCURSOS SOBRE SONHOS PANDÊMICOS: UMA ANÁLISE DO SENTIMENTO DE “MEDO”

### DISCOURSES ON PANDEMIC DREAMS: AN ANALYSIS OF THE SENTIMENT OF “FEAR”

Flávio Soares<sup>1</sup>  
Carlos Piovezani<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste limiar do século XXI, em razão do acontecimento da pandemia de Covid-19, observamos, para além do trauma individual e coletivo, a emergência de discursos sobre os sonhos no Brasil, de modo que o objetivo deste artigo é analisar discursos sobre sonhos produzidos no período pandêmico em suas relações com as emoções. Mais precisamente, a partir de alguns fragmentos extraídos de textos veiculados pelos portais de notícias CNN Brasil, Gshow e UOL, pretendemos apreender como a emoção do medo, esse sentimento inerente à condição humana e, em larga medida, formado, expressado, intensificado e transformado por discursos materializados em diferentes condições de produção, discurso esses muitas vezes assimilados como “banais”, ao se associar a alguns objetos, foi o estado afetivo dominante manifesto em relatos de sonhos. No que se refere a abordagem teórica, iremos mobilizar em nossas análises postulados e noções da Análise do discurso francesa, aportes teóricos da obra de Foucault e algumas noções da História das sensibilidades. Os resultados indicam que esses discursos sobre os sonhos foram frequentados por medos que, embora possam mais ou menos eventualmente emergir sob formas isoladas, tais como o medo do vírus ou do isolamento social, o medo da contaminação, da doença ou de suas sequelas, se associavam e/ou deslizavam de uns para outros, produzindo, assim, amalgamas e/ou encadeamentos entre eles e potencializando seus efeitos.

**Palavras-Chave:** Discurso. Sonho. Pandemia. Emoção.

**Abstract:** At the dawn of the 21st century, due to the occurrence of the Covid-19 pandemic, we have observed, beyond individual and collective trauma, the emergence of discourses about dreams in Brazil. Thus, the aim of this article is to analyze discourses about dreams produced during the pandemic period in their relationship with emotions. More specifically, based on fragments extracted from texts published by the news portals CNN Brasil, Gshow, and UOL, we seek to understand how the emotion of fear, an inherent feeling to the human condition and, to a large extent, shaped, expressed, intensified, and transformed by discourses materialized under different production conditions, often assimilated as “banal” when associated with certain objects, was the dominant affective state manifested in dream reports. Regarding the theoretical approach, we will mobilize in our analyses postulates and notions from French Discourse Analysis, theoretical contributions from Foucault's work, and some concepts from the History of sensibilities. The results indicate that these discourses about dreams were frequented by fears that, although they may more or less eventually emerge in isolated forms, such as fear of the virus or social isolation, fear of contamination, illness or its consequences, were associated and/or slid from one to the other, thus producing amalgams and/or chains between them and enhancing their effects.

**Keywords:** Discourse. Dream. Pandemic. Emotion.

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística na Universidade Federal de São Carlos – PPGL/UFSCar. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM/POSGFE. E-mail: flaviosoares@estudante.ufscar.br Lattes ID: 0796481395549129. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2738-5609>

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: cpiovezani@uol.com.br. Lattes ID: 1677609008094603. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3612-983X>

## Introdução

Sabemos que a pandemia de Covid-19 começou com um surto de pneumonia identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China. Causada por uma nova cepa de coronavírus (SARS-CoV-2), este “surto de pneumonia” foi notificado à Organização Mundial da Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019. Após se constatar que esse vírus havia se disseminado por praticamente todos os países, inclusive pelo Brasil, onde o primeiro caso de infecção foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, a OMS reconheceu, em 11 de março de 2020, que o mundo estava envolvido em uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (Werneck; Carvalho, 2020).

Os impactos decorrentes desta Crise Sanitária Mundial, cujo fim foi decretado pela mesma agência em 05 de maio de 2023, ainda continuam sendo atualizados e produzindo efeitos. Contudo, tanto quanto podemos ver a tão pouca distância, alguns encontram-se mais bem estabelecidos, como o número de mortes que, segundo a *University & Medicine Johns Hopkins*, somam mais de 6 milhões. Em que pesem as evidências de subnotificação e o fato de que as populações vulneráveis foram as mais sacrificadas, somente no Brasil, o número de vidas ceifadas ultrapassou a marca dos 700 mil, ou seja, aproximadamente 10% de todas as vítimas da Covid-19 pereceram em *Terra Brasilis*.

A pandemia impactou de modo decisivo na vida e na morte de tantas pessoas, mas também esteve presente em alterações mais ou menos profundas de práticas cotidianas, tais como a educação que também sentiu os efeitos desse acontecimento e, em função dele, teve que mudar radicalmente seu *modus operandi* presencial para a modalidade remota, demandando dos (as) professores (as) uma rápida readequação de suas práticas para dar continuidade às atividades pedagógicas e uma re-invenção na forma de se relacionar com o processo de ensino e aprendizagem (Oliveira, 2020).

A pandemia também interferiu no léxico, de modo que foram acrescidos “novos” termos e expressões como, por exemplo, Covid-19, *live*, quarentena, *lockdown*, *home office*, máscara, álcool em gel, entre outros. Enfim, assistimos ao surgimento de uma epidemia lateral de transtornos mentais (Birman, 2020) e ao desvario negacionista da extrema-direita, que questionou a própria existência do vírus e a eficácia da vacina, disseminou notícias

falsas, atacou preferencialmente as profissionais de imprensa e tensionou relações com alguns ministros do Supremo Tribunal Federal e com governadores de certos Estados.

Esse cenário ocasionado pela pandemia de Covid-19, que em muitas dimensões se mostra catastrófico, tornou-se um terreno fértil para a proliferação de discursos sobre sonhos. Mais precisamente, esse acontecimento traumático que conjuga, pelo menos, crise sanitária e política, possibilitou a emergência de enunciados dispersos sobre sonhos no Brasil. Ainda que exista uma dubiedade sobre se sujeitos durante a pandemia de Covid-19 sonharam mais, ou se, a partir do isolamento social, deram mais atenção aos seus sonhos, o fato é que em pouco tempo a discussão acerca do fenômeno onírico se disseminou pelas redes sociais, pelos veículos tradicionais de comunicação – rádios, TVs, revistas, jornais – e, com efeito, despertou o interesse em historiadores, psicólogos, psicanalistas, linguistas, neurocientistas, líderes indígenas, antropólogos, entre outros.

Como destaca um dos responsáveis pela pesquisa intitulada “Sonhos confinados em tempos de pandemia”, projeto desenvolvido por pesquisadores (as) da USP, da UFRGS e da UFMG, o professor e psicanalista Christian Dunker, foi durante a pandemia de coronavírus que os sujeitos começaram a lembrar mais de seus sonhos,

158

a ter a sensação de sonhos mais vívidos, mais intensos. Como disse um dos sonhadores: “não tenho certeza de nada, só que esses sonhos estão ficando mais ‘reais’”. As redes sociais, rapidamente, tornaram-se um espaço de compartilhamento dessas narrativas. O sonho entrou na nossa realidade, e a realidade, ou o que ainda restava dela, invadiu nossos sonhos. Em algum momento de março de 2020 começava, de fato, o século XXI (Dunker, et al, 2021, p. 10).

Por meio do relato de pensamentos oníricos, que foram coletados através de um questionário on-line disponibilizado ainda durante a primeira onda da Crise Sanitária Mundial, a pesquisa em questão, ao articular os sonhos, a política e a psicanálise, constituiu um discurso que promoveu uma reflexão sobre a função coletiva do sonho, sobre como a dimensão histórica, política e social interfere em sua manifestação, e sobre os efeitos inquietantes do sofrimento psíquico no período pandêmico. Dessa forma, conforme nos diz esse discurso, em razão da pandemia de Covid-19, os sonhos se tornaram “mais vívidos”, “mais intensos”, e, ainda que por um período relativamente curto, esse fenômeno teria

conseguido apreender, testemunhar e traduzir as sensações, os sentimentos e as sensibilidades do tempo presente. Em razão disso, discursos sobre esse objeto se disseminaram e ocuparam um espaço importante do debate público e das conversas privadas.

Importa ainda lembrar que os pesquisadores defendem a noção de que o fenômeno onírico “é impactado pela história, com suas contingências, rupturas e imprevisibilidade, [...] transformando-se e ganhando ênfases muito distintas em diferentes sociedades e tempos (Dunker, et. al, 2021, p. 78). Além disso, o projeto mencionado foi inspirado no livro *Sonhos no terceiro Reich*. Escrito pela jornalista e ensaísta Charlotte Beradt, que durante a ascensão do nazismo na Alemanha reuniu o relato de 300 sonhos, essa obra enfatiza uma dimensão “histórica, política e social” do fenômeno onírico que pôde ser observada em discursos sobre sonhos produzidos no decorrer da pandemia de coronavírus. Beradt organizou a descrição de sonhos do alemão médio, ou seja, suas perguntas foram dirigidas à costureira, ao vizinho, à tia, ao leiteiro, ao amigo. Conforme a ideia apresentada em seu texto, os sonhos não seriam experiências individuais e singulares, antes são experiências intervalares entre o coletivo e o particular, entre o público e o privado. Como resultado, os relatos contidos nessa publicação, devido a influência que sofreram dos acontecimentos políticos da época, são identificados como uma espécie de “sismógrafo” da realidade social (Beradt, 2017).

Fundamentalmente, a experiência do sonhar, a narrativa onírica, a interpretação desse fenômeno e os discursos produzidos a seu respeito costumam ser mais importantes para a condução de nossos destinos e para a compreensão de nossas emoções do que com frequência costumamos supor. Por essa razão, objetivamos neste trabalho analisar discursos sobre sonhos produzidos no período pandêmico em suas relações com as emoções. Mais precisamente a partir de alguns fragmentos extraídos de textos veiculados pelos portais de notícias CNN Brasil, Gshow e UOL, pretendemos apreender como a emoção do medo, esse sentimento tido como inerente à condição humana e, em larga medida, formado, expressado, intensificado e transformado por discursos materializados em diferentes condições de produção, discurso esses muitas vezes assimilados como “banais”, ao se associar a alguns objetos, em função da emergência sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, foi o estado afetivo dominante manifesto em relatos de sonhos. Buscaremos ainda, averiguar como esses discursos sobre os sonhos foram frequentados por medos que se associaram uns

aos outros e, suscitando, desta forma, encadeamentos entre eles e potencializando seus efeitos.

No que se refere à abordagem teórica, iremos mobilizar em nossas análises postulados e noções da Análise do discurso francesa, aportes teóricos da obra de Foucault e algumas noções da História das sensibilidades. Portanto, analisaremos discursos sobre sonhos, considerando o fato de que os enunciados nos quais eles se materializam surgiram em ampla medida em função da pandemia de Covid-19, ou seja, o objeto de nossa análise se formou a partir de um acontecimento único e inesperado, intenso e extenso, impactante e mundial, que suspendeu praticamente todas as formas de continuidade histórica e foi capaz de subverter a realidade tal qual os sujeitos estavam acostumados a imaginá-la (Foucault, 2008).

Além disso, observaremos neste trabalho certas práticas de leitura aplicadas aos monumentos textuais que consistem em identificar, analisar e intensificar as “relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito” (Pêcheux, 2012, p. 44). Além disso, a partir do pressuposto de que não há discurso sem *páthos*, indicado pela retórica, e da ideia de que as emoções passam por modificações em processos históricos e em relações sociais variadas, concebida pela História das sensibilidades, iremos optar por focalizar a dimensão afetiva em discursos sobre os sonhos, em condições históricas e sociais de produção muito singulares.

Para tal propósito, optamos por subdividir a sequência deste artigo nas seguintes partes: inicialmente, faremos algumas considerações acerca dos pressupostos teóricos e metodológicos da AD francesa e do aporte teórico da obra de Foucault, ou seja, abordaremos primeiramente a noção de “Discurso” em Pêcheux e as ideias sobre “A ordem do discurso” e a descrição do “arquivo” em Foucault; em seguida, discorremos sobre a interseção entre a AD e as emoções; apreciaremos ainda alguns discursos sobre sonhos produzidos na longa duração e, finalmente, apresentaremos nossas análises acerca de discursos sobre sonhos pandêmicos em suas relações com o medo.

## 1 Discurso e A ordem do discurso

Na França, a partir dos anos 1960, época do desenvolvimento teórico da AD, o termo “discurso” parece ter estado onipresente. Althusser escreve em 1966 “Três notas sobre a teoria do discurso”; em 1967, André Glucksmann publica seu ensaio filosófico “O discurso da guerra”; Lacan, em 1969, introduz e desenvolve a teoria dos quatro discursos no seminário “O avesso da psicanálise”; ainda em 1969, Pêcheux defende e publica sua tese em psicologia social, tese esta que deu origem ao texto fundador “Análise automática do discurso – AAD-69” (Henry, 2014). Enfim, no final da segunda metade da década de 60, Foucault tratava da produção discursiva, porque lhe interessava melhor compreender sua decisiva incidência na construção do saber. Aliás, em 1969, ele publica seu livro metodológico de Análise do discurso “A arqueologia do saber” (Plon, 2012).

Dessa forma, a AD materialista, desenvolvida na França por Michel Pêcheux e seu grupo, se inscreve nesse contexto, isto é, nasce simbolicamente em 1969 com o lançamento do livro Análise automática do discurso. O advento dessa obra marca o início, “o momento quase mítico da fundação e do protótipo remodelado sem cessar, criticado, corrigido, finalmente abandonado, mas sempre presente” (Maldidier, 2003, p. 19) de uma teoria do discurso que lançou questões fundamentais sobre a língua, a história e o sujeito.

A concepção de discurso em Pêcheux se apoia na linguística saussuriana, ainda que exista um deslocamento em relação ao corte epistemológico e por extensão à noção de língua que Saussure sustenta no Curso de Linguística Geral. Lembremos que para Saussure, a língua (social, sistemática, concreta, objetiva), o verdadeiro objeto da linguística, diferente da fala (individual, acidental, abstrata, subjetiva), constitui-se “num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (Saussure, 1975, p. 23). Contudo, a ideia subentendida de que a língua se constitui por meio de um conjunto definido de regras, em oposição à fala, que colocada em uso pelo sujeito expressaria a sua liberdade no uso da língua, não se confirma, uma vez que essa “liberdade” está submetida, pelo menos, às leis jurídicas e às determinações sócio-históricas que limitam a liberdade de expressão (Pêcheux, 2020).

Assim, observamos que a AD estabelece uma relação não dicotômica entre língua e discurso, entre o que é linguístico (social) e a exterioridade (histórica) que o determina, ou seja, o encontro entre a língua e a história é constitutivo do conceito de discurso e imprescindível para a formação de sentido. Aliás, o sentido para esse campo do conhecimento não se encontra na essência das palavras, na medida em que elas não têm um sentido nelas mesmas, ou seja, as palavras têm história e falam com outras palavras ao estabelecer uma relação entre os dizeres. Por isso, Pêcheux argumenta que a “transparência da linguagem”, que cria as evidências da significação, é o oposto daquilo que a abordagem discursiva chamará de “o caráter material do sentido”. Conforme essa noção,

162

o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina *o que pode e deve ser dito* (Pêcheux, 2014, p. 146-7).

Podemos dizer que os discursos compreendem a materialização privilegiada das diferentes ideologias de uma sociedade, considerando que a ideologia não é ocultação ou ilusão da realidade, antes, é efeito de evidência e de estabilidade, condição necessária para a constituição dos sentidos e dos sujeitos. Uma vez que as formações ideológicas comportam em seu interior uma ou várias *formações discursivas*, os discursos ainda determinam *o que se pode e deve ser dito*, sendo que as palavras e os enunciados pronunciados num certo contexto determinado pela luta de classes, por serem afetados pela posição na qual se reconhece o sujeito, podem produzir efeitos iguais ou distintos quando inseridos numa ou noutra *formação discursiva*. Além disso, não é exagerado lembrar que os sentidos das coisas ditas sempre são determinados ideologicamente. Tudo que dissemos possui um traço ideológico, “e isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na

maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele” (Orlandi, 2003, p. 43).

Já Foucault ocupa uma posição proeminente quando se pretende compreender *A ordem do discurso* e/ou descrever o *arquivo*. Isso porque, tanto Pêcheux quanto Foucault, cada um a seu modo, defrontaram-se com o espírito da época, ou seja, com a emergência da noção de discurso que se impôs na segunda metade do século XX na França.

A ordem do discurso se impõe em virtude das inquietações que o discurso suscita. Inquietação em face do que é o discurso em sua realidade material, perante a sua existência transitória e imponderável, diante de uma função normativa e reguladora que coloca em funcionamento a produção de saberes, de estratégias e de práticas. Fundamentalmente, Foucault sustenta a ideia de que em todas formações sociais a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada, redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2009, p. 8-9).

Assim, a noção de discurso em Foucault consiste numa ordem histórica, social e cultural que controla a emergência dos enunciados em todas as sociedades. Irredutível à ideia da língua, enquanto sistema de signos e regras de combinação, e à premissa da fala individual, com suas devidas variações, o discurso deve ser visto, tratado, analisado, primeiramente, como um conjunto de acontecimentos discursivos, ou seja, como uma série de enunciados heterogêneos e dispersos, mas que apresentam alguma regularidade e, por essa razão, podem ser apreendidos. Com efeito, os discursos são marcados pela raridade, de modo que sua análise implica a formulação da questão: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2008, p. 30).

Quanto a definição atribuída à noção de arquivo por Foucault (2010), depreendermos que se trata de um conjunto de regras dadas por uma sociedade em uma época determinada que definem:

- os limites e as formas da *dizibilidade*: de que é possível falar? O que foi constituído como domínio do discurso? [...]
- os limites e as formas da *conservação*: quais são os enunciados destinados a passar sem vestígio? Quais são os que são destinados, ao contrário, a entrar na memória dos homens? [...]

- os limites e as formas da *memória* tal qual ela aparece nas diferentes formações discursivas: quais são os enunciados que cada uma reconhece válidos ou discutíveis, ou definitivamente invalidados? [...]
- os limites e formas de *reativação*: entre os discursos das épocas anteriores ou das culturas estrangeiras, quais são os que retemos, que valorizamos, que importamos, que tentamos reconstituir? [...]
- os limites e as formas de *apropriação*: quais indivíduos, quais grupos, quais classes têm acesso a tal tipo de discurso? [...] (Foucault, 2010, p. 10).

Em suma, pretendemos realizar nossas análises tendo em vista esses pressupostos estabelecidos acerca da abordagem discursiva. Contudo, cumpre acrescentar, a fim de “encerrar” essa breve discussão em torno da abordagem teórica presente neste artigo, um comentário sobre a interseção entre a AD e a História das sensibilidades.

## 2 Análise do discurso e emoções

164

Partimos da ideia de que não há discursos sem uma dimensão afetiva e que provavelmente essa dimensão esteve ainda mais presente e manifesta em discursos sobre sonhos produzidos durante a Crise Sanitária Mundial.

A História das sensibilidades é uma das áreas privilegiadas no interior das ciências humanas no exame das sensações e dos afetos. Além disso, ela é compatível com a AD, porque concebe história e sociedade como constituintes das sensibilidades. Assim, esse campo do saber considera que as emoções como a alegria, o medo, a vergonha, o luto, o prazer, entre outras, independentemente da época, do lugar e da cultura, sempre acompanharam a humanidade. Essa inscrição evidente, regular e constante das emoções nas sociedades humanas, aproximam épocas, generalizam lugares, insinuam experiências comuns e reações supostamente compartilhadas, de tal forma, que não é raro imaginar que as emoções são atemporais, isto é, que os índices de reconhecimento das emoções seriam inatos e inalterados na longa duração (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020). No entanto, apesar de os afetos sempre caminharem *a pari passu* com a humanidade, eles não são atemporais. Assim, “nossas emoções não são imutáveis nem universais, pois se formam, se intensificam, refluem e se modificam no cerne de processos históricos e de estruturas sociais” (Piovezani;

Curcino; Sargentini, 2024, p. 25). Dada essa sua característica histórica e social, as emoções, como também seus sentidos, formas, matizes e intensidades, se transformam no tempo e variam no espaço.

Mas, ainda que essas noções possam parecer mais ou menos óbvias e que esteja estabelecido, desde tempos longínquos, que uma dimensão afetiva é indissociável e constitutiva das práticas de linguagem, nem sempre as ciências que se dedicam à investigação e à análise de fenômenos linguísticos, de modo geral, e a AD, particularmente, dispensaram muita atenção a este aspecto. Em que pese a constatação feita por Aristóteles, quando da gênese de alguns princípios da retórica, de que não há discurso sem *phátos* e, a despeito dessa afirmação, guardadas profundas variações, ter encontrado solo fértil no pensamento de grandes retores romanos, como em Cícero e em Quintiliano e ainda ser quase que frequentemente reiterada na longa duração histórica, certos estudos discursivos, como ressaltam Piovezani, Curcino e Sargentini (2024), passaram a considerar as emoções em suas análises apenas recentemente.

As razões pelas quais determinados estudos discursivos tomaram as emoções como seu objeto de análise se devem, em parte, ao fato de a técnica retórica de persuasão envolver necessariamente o *éthos*, o *páthos* e o *lógos*<sup>3</sup>, ou seja, alguns estudos discursivos passaram a reconsiderar, a valorizar e a se interessar cada vez mais pela noção, a muito tempo desenvolvida, de que jamais os discursos são completamente destituídos de afetos. A emergência de novas tendências e abordagens linguísticas que surgiram e/ou se intensificaram na segunda metade do século XX, ainda que as emoções não tenham sido consideradas em seus primeiros desenvolvimentos, na medida em que passaram a examinar os usos concretos da língua em suas investigações, como a fala, o texto e os enunciados, também contribuiu para a paulatina inserção dos afetos em estudos desenvolvidos no domínio da linguagem (Piovezani; Curcino; Sargentini, 2024).

No que concerne à AD, malgrado o fato dessa abordagem também não ter privilegiado as emoções em seus fundamentos, esse quadro começa a se alterar, visto que, a partir do momento em que abandonamos a noção de discurso como texto e passamos a nos

<sup>3</sup> Resumidamente, o *Éthos* diz respeito ao caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório; O *Phátos* envolve o conjunto de paixões que o orador deve provocar no auditório com seu discurso; Enfim, o *Lógos* implica a argumentação racional (Reboul, 2004).

inquietar em apreender “a realidade de seus efeitos sobre aqueles que o produzem e sobre aqueles que o recebem, a questão das emoções que a fala suscita se impõe, sem que possamos fazê-la calar-se” (Courtine, 2016, p. 19). A relevância de uma visada discursiva dos afetos também se justifica pela proximidade que existe entre as paixões e o discurso, ou seja, devido ao “caráter coletivo de muitas dessas emoções, o caráter histórico de todas elas, sua condição histórica, as modalidades discursivas e a dimensão inconsciente que são, enfim, absolutamente constitutivas de sua existência” (Courtine, 2016, p. 20). Por fim, se há um relativo consenso quanto ao fato de o discurso constituir objetos, sujeitos e sentidos, cada vez mais se insiste que ele também exerce um papel semelhante na formação, nas graduações e nas transformações das sensações, dos sentimentos e das sensibilidades das classes, dos grupos e dos sujeitos de uma sociedade.

Decididamente, esses comentários expressos acima ensejam o encontro entre a AD e a História das sensibilidades. Além disso, seja devido à ênfase ao mundo sensível dessa corrente historiográfica, ou antes, seja porque Pêcheux e Foucault nos ensinam que não existe pesquisa discursiva sem história, o fato é que há entre os discursos e as emoções relações “fundamentais”, “irredutíveis” e “sobredeterminadas”. Como ressaltam Piovezani, Curcino e Sargentini (2024, p. 37-8):

De modo análogo ao que ocorre nas relações entre os campos do visível e do enunciável, como dimensões constitutivas do saber, intrinsecamente articulados, irredutíveis um ao outro e nos quais há o primado do segundo sobre o primeiro, entre as emoções e o discurso também existem relações fundamentais, irredutibilidades e sobredeterminações: os afetos são expressos, suscitados e reforçados ou abrandados pelos discursos, bem como são formados e transformados pelo que dizem os sujeitos de uma sociedade a seu respeito e a respeito de outros temas, por seus modos de dizer e pelas circulações diversas da coisa dita. O discurso é uma prática que constrói os objetos e os sujeitos, os sentidos e os sentimentos.

Como podemos observar, a articulação entre esses domínios do saber na contemporaneidade se apresenta como uma forma profícua e incontornável para aprofundarmos nosso entendimento das práticas de linguagem como manifestações constituídas por afetos. Assim, desse encontro, vemos surgir estudos que pautam suas análises na noção de que a materialização dos discursos necessariamente comprehende as

emoções, além, é claro, da constituição histórica de seus enunciados, dos modos como eles são formulados e dos espaços sociais em que circulam.

### 3 Breve comentário sobre o que se disse sobre sonhos

É certo que a constituição, a formulação e a circulação<sup>4</sup> de discursos sobre sonhos não foram as mesmas na longa duração. Por conseguinte, foi dada uma “maior” ou uma “menor” evidência a este objeto em determinadas condições de produção e as formas para melhor se interpretar os seus sentidos correlatos se formaram, se repetiram e se transformaram.

*Grosso modo*, discursos sobre sonhos produzidos na Antiguidade evidenciam que a experiência onírica ocupava um lugar de destaque, seja porque as visões noturnas eram apreendidas como presságios do futuro e, por isso, representavam um “canal de comunicação” dos Deuses com os homens (Freud, 2022), ou por estar relacionada ao cuidado de si e revelar um modo de existência – uma prática comum e popular – e transmitir uma verdade das/as pessoas que viviam nesse período (Foucault, 2005).

Na Idade Média, período extenso da história Ocidental em que o poder estava concentrado nas “mãos” da Instituição Religiosa Católica, Le Goff (2006) observa, entre outros aspectos, que os eruditos cristãos, herdeiros da cultura greco-romana, tiveram que gerir as manifestações oníricas e suas interpretações presentes, sobretudo, no Antigo Testamento.

Por outro lado, com o advento do racionalismo na modernidade, formaram-se certos discursos que apontam para uma ruptura ao passar a enxergar os sonhos como um fenômeno insignificante, supérfluo e sem sentido, fonte de blasfêmia e danação. Dessa forma, a apreensão do fenômeno onírico e a arte de sua interpretação teriam entrado em declínio, degenerado pouco a pouco em superstição e perdido o grande papel que outrora desempenhara (Freud, 2014). Descartes, por exemplo, mesmo tendo sonhos relevantes na

<sup>4</sup> A constituição corresponde ao eixo vertical, o momento histórico-ideológico mais amplo que instaura a repetição e/ou o silenciamento; a formulação é associada ao eixo horizontal, no qual a linguagem atualiza uma memória por meio das palavras que são selecionadas, sequencialmente organizadas e enunciadas; e a circulação diz respeito aos espaços, que nunca são neutros, por onde os discursos transitam (Orlandi, 2001).

juventude que, segundo ele próprio, o inspiraram no desenvolvimento teórico da geometria analítica e do método da dúvida sistemática, teria definido “o sonho como mero estado de ilusão derivado das impressões da vigília” (Ribeiro, 2019, p. 81).

Já na contemporaneidade, com a publicação do livro *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud, o interesse pelas práticas de interpretação dos sonhos vigentes na antiguidade é mais ou menos retomado. De acordo com uma observação feita por Lacan (1986), com esta obra, considerada um dos textos mais importantes da história da psicanálise,

Freud pareceu ligar-se então ao pensamento mais arcaico – ler alguma coisa nos sonhos. Ele volta em seguida à explicação causal. Mas, quando interpretamos um sonho, sempre estamos em cheio no sentido. O que está em questão é a subjetividade do sujeito, nos seus desejos, na sua relação com seu meio, com os outros, com a própria vida (Lacan, 1986, p. 9).

A partir de Freud, constitui-se um discurso “psicanalítico” que distingue os sonhos como uma possibilidade de se investigar os desejos, os traumas e os afetos, ou seja, de se acessar o conhecimento do inconsciente. Assim, o sonho, ou melhor, o que se começa a dizer sobre ele no início do século XX, bem como seus “novos” modos e lugares de uso, é investido de um saber acerca da subjetividade do sujeito e, consequentemente, passa novamente a ser visto com interesse e a ocupar um lugar relevante no tratamento de determinados sintomas.

#### 4 Discursos sobre sonhos e medo

Expostas essas concisas considerações, por meio das quais buscamos explicitar que, tendo em vista a emergência de discursos sobre sonhos materializados em função da pandemia de Covid-19, nosso objetivo neste artigo é, justamente, “analisar discursos sobre sonhos produzidos no período pandêmico em suas relações com as emoções”. Passamos imediatamente ao exame de alguns enunciados extraídos de textos publicados pelos portais de notícias CNN Brasil, Gshow e UOL.

- i. Uma variedade de sonhos é focada diretamente no medo de pegar o vírus, como a pessoa se ver sendo desmascarada em público, onde outros tossem nela (CNN Brasil, 22/03/2021).
- ii. Algumas pessoas sonham que saem desprotegidas, sem máscaras ou que afastam outras pessoas com receio do contato, ou que têm nojo de tocar em objetos com medo de serem contaminadas (Gshow, 25/06/2020).
- iii. Sonhos da pandemia refletem sofrimento mental e medo da doença, diz estudo (UOL, 30/11/2020).

Nesses fragmentos de discursos sobre sonhos pandêmicos, sem embargo aos diferentes modos de formulação, a inscrição da palavra medo está particularmente associada ao vírus, à contaminação e à doença. Prontamente, observamos nesses “objetos” com os quais o medo aparece vinculado a determinação de fatores históricos, sociais e sanitários, posto que, dadas as condições de produção desses discursos, sonhos focados no “medo de pegar o vírus”, sonhos que representam algumas pessoas sentindo “medo de serem contaminadas” e sonhos que refletem “medo da doença”, não é algo isolado e tampouco exclusivo da vida onírica. Assim, esses discursos mostram que o sentimento de medo durante a Crise Sanitária Mundial, essa emoção presumivelmente experimentada por muitas pessoas na vida em vigília, de entrar em contato com um agente patógeno diminuto, contrair uma infecção e desenvolver uma enfermidade, influiu decisivamente na manifestação de boa parte dos sonhos.

Já observamos o quanto certos discursos enfatizam a capacidade do fenômeno onírico de apreender, testemunhar e traduzir acontecimentos históricos, políticos e sociais de determinada época (Dunker, at. al, 2021). Agora, notamos um desdobramento nesses mesmos discursos, os quais apontam que, apesar de nossos sonhos não se constituírem absolutamente de modo aleatório, ante a emergência de um acontecimento traumático que conjuga a pandemia de Covid-19 e a ascensão de um governo de extrema-direita, a variação onírica tende a diminuir. Assim, em que pese a existência de fatos empíricos aterrorizantes, trágicos e nefastos, observamos que o estado afetivo de “sonhos”, ou de “uma variedade de sonhos” de “algumas pessoas”, “focalizou” e “refletiu” a emoção do medo que, necessariamente, foi expressa, tematizada e intensificada pelos discursos produzidos nesse contexto sócio-histórico.

Sabemos, a partir de um discurso consolidado, que o afeto do medo é intrínseco à condição humana, na medida em que desde muito precocemente, nossos ascendentes tiveram que aprender a sobreviver em um ambiente hostil, com pouca oferta de alimentos, constante perigo de ataques e luta para encontrar parceiros sexuais. Esses imperativos darwinistas da evolução, ao tratar de problemas viscerais inerentes a todos e quaisquer seres humanos que viveram no tempo recuado, em certa medida, criaram as condições de possibilidade para a produção de um enunciado, segundo o qual, há cerca de 200 milhões de anos o primeiro sonho sonhado pelo ancestral comum a todos os mamíferos hoje existentes teria sido um sonho de medo (Ribeiro, 2019). A propósito, a emoção do medo também se avulta no relato onírico mais antigo registrado pelo homem, O sonho do Rei Dumuzid, cravado em caracteres cuneiformes na Suméria pré-dinástica, por volta de 5 mil anos (Ribeiro, 2019).

O par sonho e medo, sendo o segundo mais ou menos admitido como uma espécie de emoção social que se manifesta no primeiro, teve lugar em um discurso sobre sonhos materializado na Idade Média, em função de relatos bíblicos de sonhos assustadores, por efeito da entrada do Diabo na cena onírica e pelo apreço que certas “heresias” conferiam aos pensamentos oníricos (Le Goff, 2006). Batizado de pesadelo – *nightmare* – pelo psicanalista e biógrafo oficial de Freud, Alfred Ernest Jones, um outro discurso indica que sonho e medo tendem a se manifestar com mais frequência em visões noturnas de veteranos de guerra e de sobreviventes do holocausto, visto que as perseguições, as agressões, as humilhações, os horrores e os sofrimentos, tanto dos conflitos armados como dos campos de concentração, são repetidas, reproduzidas e revividas incessantemente à noite, “em pesadelos disformes de inaudita violência” (Levi, 1988, p. 88).

Em suma, há uma relativa afinidade entre discursos sobre sonhos quanto à constatação de que praticamente todos os grupos, as classes e os sujeitos expostos a acontecimentos traumáticos experienciam sonhos em que a emoção do medo potencialmente está mais presente. Além disso, para milhões de seres humanos que convivem com a miséria, que não sabem exatamente o que irão comer, ou onde conseguirão um abrigo seguro, o par sonho e medo funcionaria como uma sentença inescapável.

A despeito do profundo mal-estar gerado pelos pesadelos, ou seja, por sonhos cujos enredos são constituídos por sequências de imagens que suscitam medo, de acordo com um

discurso produzido a partir de pesquisas desenvolvidas no campo das neurociências, esse “tipo” de pensamento onírico pode ter uma função importante. Como sugere Ribeiro (2019, p. 275) “por ser capaz de simular possíveis perigos a serem evitados na vida real, o pesadelo pode preparar o sonhador para enfrentar os perigos do dia seguinte, treinando roteiros de ação ou simplesmente aumentando o alerta”. Nesse sentido, podemos imaginar, a partir dos discursos sobre sonhos expressos nos fragmentos i, ii e iii, que determinados sonhos produzidos durante a pandemia, ao suscitem o afeto do medo, estariam alertando os sonhantes quanto ao perigo iminente do vírus, da contaminação e da doença. Ademais, alguns roteiros de ação também poderiam ser instruídos, como afastar “outras pessoas com receio do contato” e não “tocar em objetos”.

A frequência com a qual a emoção do medo esteve manifestamente relacionada aos sonhos ocorridos durante o surto de coronavírus também pode ser observada no discurso produzido pelos pesquisadores reunidos em torno do projeto “Sonhos confinados em tempos de pandemia”. Nos permitiremos fazer um comentário a esse respeito. Desse modo, quando o sujeito, participante da pesquisa, era solicitado a associar livremente termos à sua narrativa onírica, “foi possível identificar que “medo” se manteve como a palavra com maior conectividade ao longo de todo o período” (Dunker, et. al, 2021, p. 43). Os pesquisadores ainda sinalizam um deslocamento nessas associações entre os relatos de sonhos e a palavra medo:

171

Em movimento paralelo aos deslocamentos ocorridos com os restos diurnos, as associações da palavra “medo” covariam: se antes o medo estava associado à casa e a termos genéricos como “tudo”, sugerindo um medo de certa forma indeterminado, ligado a um perigo ainda não nomeado, difícil de localizar ou de circunscrever, num segundo momento se liga a ideias mais concretas, como “vida” e “pandemia”, recebendo contornos mais definidos e delimitadores (Dunker, et. al, 2021, p. 43).

Esses excertos, assim como nossos fragmentos, nos permitem compreender como a emoção do medo, em larga medida suscitada, mencionada e agravada pelos discursos produzidos perante a catástrofe que se instalou no mundo em função da pandemia de Covid-19, se articulou à experiência onírica, aos discursos produzidos sobre sonhos e, ainda, em um segundo momento no qual o medo aparece ligado a “ideias mais concretas”, às associações livres confessadas pelos sonhantes. Não obstante, acerca da inflexão que teria

ocorrido com as associações da palavra “medo” indicada no trecho acima, observamos que, a despeito de sua vinculação com o termo “casa”, em um primeiro momento o medo é relacionado a termos mais gerais como “tudo”, ou seja, o medo não é associado a objetos específicos, ao contrário, o medo que se manifesta é “de certa forma indeterminado, ligado a um perigo ainda não nomeado, difícil de localizar ou de circunscrever”.

Sem nenhum demérito às noções relativas ao medo discutidas pelos autores do projeto em questão, noções estas sinteticamente descritas por nós, segundo uma perspectiva discursiva da emoção do medo, acreditamos que as associações efetuadas nesse primeiro momento pelos sujeitos designam mais a sensação de ansiedade do que propriamente o sentimento de medo. Em vista disso e muito resumidamente, de acordo com Courtine e Piovezani (2024), na contemporaneidade uma série de discursos “banais” veiculados pelos mais variados meios de comunicação, como os que enunciam crises climáticas e catástrofes naturais, guerras e calamidades humanitárias, depressões econômicas e desemprego, terrorismo mundial e violências de todo tipo, entre tantos outros incidentes, teria gerado a globalização dos medos e propiciado uma espécie de expectativa ansiosa<sup>5</sup>.

Dessa forma, os medos passaram a ser compartilhados mundialmente, e algo em sua natureza parece ter se alterado ao longo desse processo: “um estado permanente de ansiedade individual e coletiva passou a colonizar e a constituir as sociedades e os sujeitos do chamado mundo ocidental” (Courtine, Piovezani, 2024, p. 172), como se algo de pior ainda estivesse por vir.

Por conseguinte, nessa era em que discursos do medo, além de conjugar tremores antigos e inquietações modernas, riscos imaginários e ameaças reais, passaram a ser constantes e globais, seria a ansiedade, e não exatamente o medo, que se manifestaria de forma imprecisa e que abrigaria em seu interior aspectos “indeterminados”, “ainda não nomeados”, difícil de localizar ou de circunscrever”. Na esteira de Courtine, a ansiedade concebida como discurso se apresenta como narrativas flutuantes extensivamente indeterminadas, “que comportam lugares vazios de sujeito e de objeto, mas prontas para serem convertidas em discursos do medo, carregados de ameaças e de inimigos, quando as

<sup>5</sup> A despeito da aparente banalidade de enunciados do medo que diariamente são produzidos e veiculados, cumpre destacar que há alguns traços discursivos recorrentes em sua materialização, como a sua permanência, a sua onipresença, a sua intensidade, a sua indiferença, o seu caráter cumulativo e a sua relação particular com o tempo (Courtine; Piovezani, 2024).

circunstâncias históricas reclamam-nas e quando tais narrativas voltam à tona” (Courtine, 2016, p. 26).

O medo, por sua vez, sempre à espera e apto a se firmar à superfície, necessariamente consente um objeto, pelo menos isso é algo que sabemos desde a distinção efetuada por Freud (2010) entre angústia, que pressupõe a expectativa do perigo e a preparação para ele; terror, que implica a surpresa diante de um perigo para o qual não estávamos preparados; e medo, que necessariamente requer um objeto. É bem verdade que entre o medo e a ansiedade há uma relação constitutiva, porquanto esses afetos são indissociáveis um do outro, pressupõem-se e se alimentam reciprocamente. Entretanto, do nosso ponto de vista, em um primeiro momento as associações dos sujeitos que participaram do projeto “Sonhos confinados em tempos de pandemia” expressam ansiedade, enquanto, passado algum tempo, devido “aos deslocamentos ocorridos”, as associações indicam o sentimento de medo, porque este aparece ligado, por exemplo, à “vida” e à “pandemia”.

Com base nesses mesmos discursos, ou melhor, levando em conta as formulações dos excertos i e ii, uma outra camada do medo ainda pode ser observada, uma vez que em sonhos diversos o temor de pegar o vírus foi traduzido em imagens “como a pessoa se ver sendo desmascarada em público, onde outros tossem nela”. O receio de contaminação ainda expôs o fato de que “algumas pessoas sonham que saem desprotegidas, sem máscaras ou que afastam outras pessoas com receio do contato”. Essas passagens nos permitem ampliar nossa compreensão de como o medo do vírus e da contaminação manifesto em relatos de sonhos está intimamente relacionado à emergência de certas práticas sociais que entraram em vigência durante a pandemia de coronavírus. Derivadas de discursos normativos e reguladores produzidos em larga medida por instituições mundiais como a OMS e por órgãos oficiais do Estado brasileiro, essas práticas incluíam, entre outras, o uso de máscaras de proteção individual e algum grau de distanciamento social. Essas recomendações, que em tese deveriam simplesmente preconizar algumas medidas para se conter a disseminação do vírus e o contágio da doença entre a população, acabaram sendo absorvidas pelas posições ideológicas em disputa daquele período.

No Brasil, como sabemos, havia pelo menos duas posições claramente definidas quanto ao enfrentamento da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional.

Uma marcada pelo discurso negacionista e outra alinhada ao discurso científico. Para dizer o mínimo, enquanto a primeira estimulava o tratamento precoce contra a Covid-19 com o uso indiscriminado de cloroquina associada aos antibióticos ivermectina e azitromicina, menosprezava o uso de máscaras de proteção, rejeitava a vacinação em massa da população e era contrário ao *lockdown*, a segunda defendia o tratamento, caso houvesse, adequado e cientificamente comprovado a todos os brasileiros, incentivava o uso de máscaras, acreditava que a vacina era uma dose de esperança e era favorável às políticas de isolamento social.

Por isso, sem ter a intenção de incorrer em especulações infundadas, acreditamos que uma camada do temor sentido por algumas pessoas em suas produções oníricas, tais como manifesto nos fragmentos i e ii, pode estar relacionado à ambiguidade e à confusão derivadas da disputa ideológica propagada por discursos antagônicos em torno das medidas de prevenção e controle da covid-19. Isso porque, é razoável pensar que o domínio do discurso negacionista poderia provocar em certos sujeitos um sentimento de medo não confessado ou mal compreendido em estado de vigília e, consequentemente, manifesto em sonhos de “aderir” a esse discurso e sair em público sem a máscara de proteção individual e entrar em contato com outras pessoas.

Por fim, a título de exemplo, já vimos em outras condições de produção como a força e o poder de um discurso político, mais precisamente, como a força e o poder do discurso nazista, foi capaz de *influenciar* a produção onírica de sujeitos que, mesmo contrários a determinado posicionamento ideológico, sonharam com a aceitação das circunstâncias dadas, com a prontidão em se deixar enganar, com os desmoronamentos dos mecanismos de defesa ante à pressão, à propaganda e à violência, e com o processo quase automático de *adesão* “a uma estrutura social que autoriza apenas um movimento, o de se juntar ao Movimento” (Beradt, 2017, p. 128).

## Conclusão

Os medos se formam e se transformam, se expandem e se aprofundam, em larga medida, por discursos que os produzem e os tematizam em diferentes condições de produção. Esses discursos, muitas vezes assimilados como “banais”, ao ser associado ao vírus, à

contaminação e à doença, em função da emergência sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, criou as condições de possibilidade para que o sentimento do medo fosse o estado afetivo dominante de “sonhos”, ou de “uma variedade de sonhos” de “algumas pessoas”. Além disso, vimos como um discurso discute a possibilidade de os sujeitos, ao serem frequentados pelo medo em suas produções oníricas, poderiam estar sendo alertados quanto aos perigos iminentes da pandemia e, com isso, testar roteiros de ação.

Observamos ainda neste artigo, entre outras coisas, um discurso que destacou a forma como a palavra medo foi o termo mais associado livremente por sujeitos que relataram seus sonhos na pandemia e, a partir de um deslocamento que ocorreu entre um primeiro e um segundo momento nessas associações, notamos como o afeto do medo se materializa na contemporaneidade de modo indissociável da ansiedade. Além disso, conjecturamos como distintas posições ideológicas em torno de medidas de controle e proteção contra a Crise Sanitária Mundial também podem ter concorrido para a penetração do medo em pensamentos oníricos. Enfim, as análises aqui realizadas apontam que esses discursos sobre os sonhos foram frequentados por medos que, embora possam mais ou menos eventualmente emergir sob formas isoladas, tais como o medo do vírus ou do isolamento social, o medo da contaminação, da doença ou de suas sequelas, se associavam e/ou deslizavam de uns para outros, produzindo, assim, amalgamas e/ou encadeamentos entre eles e potencializando seus efeitos.

175

## Referências

- BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich*: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três estrelas, 2017.
- BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do coronavírus*: suas dimensões políticas, sociais econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). *História das emoções*: 1. Da antiguidade às luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINE, Vanice. (Org.). *(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos. Discursos do medo na era da ansiedade. In: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINE, Vanice. (Org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 163-190.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. In: FOUCAULT, Michel. *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Ditos e escritos, v. 6).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19 ed. Edições Loyola: São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. (Obras completas, v. 4).

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 13).

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”], além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 14).

Gshow. O significado dos sonhos da quarentena. *Gshow*. Disponível em:<  
<https://gshow.globo.com/horoscopo-etc/fique-em-casa/noticia/os-significados-dos-sonhos-da-quarentena.ghhtml>>. Acesso em: 02 out. 2024.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Pêcheux*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LAMOTTE, Sandee. Pandemia causa aumento no relato de pesadelos. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-causa-aumento-no-relato-de-pesadelos/>. Acesso em: 02 out. 2024.

LE GOFF, Jacques. Sonhos. In: LE GOFF, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (Org.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Ponte, 2003.

NEXO. Concentração de riqueza se acentuou desde a pandemia, diz relatório. *Nexo*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2024/01/14/concentracao-de-riqueza-se-acentuou-desde-a-pandemia-diz-relatorio>. Acesso em: 16 jan. 2024.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5 ed. Campinas, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6 ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, VANICE (Org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 63-75.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. (Org.) *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINE, Vanice (Org.). *Presenças de Foucault na Análise do Discurso*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PLON, Michel. Lacan-Pêcheux, de um discurso outro, o impossível encontro. In: MARIANI, Bethania; ROMÃO, Lucília Maria Sousa; MEDEIROS, Vanise (Org.). *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 15-29.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Condições de trabalho docente e defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia. *Revista da USP*. São Paulo, n. 127, p. 27-40, out. nov. dez. 2020.

UOL. Sonhos da pandemia refletem sofrimento mental e medo da doença, diz estudo. *VivaBem/UOL*. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/30/sonhos-da-pandemia-refletem-sofrimento-mental-e-medo-da-doenca-diz-estudo.htm>. Acesso em: 12 out. 2024.

WERNECK, Guilherme Loureiro; Carvalho, Marilia Sá. A pandemia de Covid-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública*. v. 36, n. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>. Acesso em: 03 fev. 2025.